

APRESENTAÇÃO

Dom Sebastião Armando Gameleira Soares
Diocese Anglicana do Recife

É grande alegria e privilégio imenso, como Presidente da JUNET, apresentar as reflexões de dois dos melhores teólogos de nossa Igreja.

O maior mérito do livro é seu método: quase não afirmam nada, chegam discretamente, como o escriba “semelhante ao dono de casa que tira de seu baú coisas novas e velhas” (Mt 13, 52). O que desejam é provocar as comunidades a refletir. Há nisto algo bem mais profundo que simples recurso didático. É expressão concreta de princípio teológico fundamental do jeito de ser “catholico”: a fé apostólica é o que se afirma “sempre, em toda parte, por todo o povo”. É o povo o sujeito da fé. Por isso, no Anglicanismo, a autoridade doutrinal se funda no “sensus fidelium”, o sentir comum do povo fiel. São as comunidades que se devem edificar e fortalecer em redor da Palavra. É a meditação partilhada das Escrituras e da Tradição da fé, à luz do Espírito, que ilumina a mente, atrai à unidade e impele ao testemunho.

São as comunidades cristãs como tais, e não “iluminados” indivíduos, que têm a responsabilidade de voltar às Fontes para experimentar sempre de novo a atualidade da Palavra dita em palavras de ontem. Só assim se acharão palavras de hoje, diferentes, para manter “intacta” a mesma fé. Não é sempre a mesma “fórmula” que garante guardar a mesma “forma”. O Evangelho segundo São João permanece um modelo. Foi a coragem criativa do quarto evangelista, frente aos Sinóticos, que tornou possível comunicar o mistério de Jesus a novos interlocutores.

O Credo é o documento do momento “intermediário”, entre a linguagem simbólica e de “anúncio” das Escrituras e a linguagem mais reflexiva e “teológica” da Igreja. Sintese que “fecha” o momento originário e “abre” o sentido para o momento por vir. Ora, como se dá com a Bíblia, o “documento vivo que se escreve em nossos corações” é o que torna possível reler o documento antigo, tirar-lhe o véu e, assim, perceber a voz do Espírito no hoje de nossas vidas (cf. 2Cor 3). Ademais, é documento por excelência ecumênico, como “senha” que nos identifica como simplesmente pertencentes à multidão de testemunhas ao longo da História (cf. Hb 11-12). Como lembram os autores, não temos uma “confissão de fé” anglicana, reconhecemo-nos na fé comum a toda a Cristandade. Daí, a importância de voltar constantemente a essa preciosa herança e ajudar-nos em comunidade a assimilá-la tão profundamente que possa ser dita com nossas próprias palavras, como se dá com lição bem aprendida. Não é o que nos diz o Apóstolo: “A letra mata, o Espírito é que dá vida (...) onde o Espírito do Senhor, aí a liberdade” (2Cor 3, 6. 17) ?

O Credo é o “símbolo” da fé. Une-nos --“sým-bolos” – na mesma “visão do Invisível” (cf. Hb 11, 1. 27; 12, 1-2) e, ao mesmo tempo, é linguagem simbólica, que “representa”, alude, mais que “declarativa” é imaginativa. Na verdade, trata-se de dizer o inefável, balbuciar o mistério, tentar associar-nos aos “gemidos inenarráveis” do Espírito em nós (cf. Rm 8, 26-27). Antes de ser

declarar “verdades”, é “testemunhar” de experiências que nos arrebatam a adorar o Mistério entre nós e em nós. Adorar, antes de “fanar” (falar), para não “pro-fanar” com “muitas palavras, vãs repetições, como fazem os gentios” (Mt 6, 7).

O Credo guarda a marca fundamental da Bíblia. Não é elenco de “verdades”, mas proclamação de eventos históricos. Nas Escrituras também a história (“gerações”, cf. Gn 2, 4; 6, 9) começa com a criação do mundo. O sujeito último da história é Deus, com Suas intervenções salvíficas, que dão ao tempo o caráter de processo de “caminhada” de passado, presente e futuro. Por isso, a estrutura do Credo é histórica. DEUS nos remete ao passado de nossas origens, é o fundamento e a Fonte de todo ser. Nele se fincam nossas raízes num “tempo” antes e além do tempo.

Em JESUS, Deus se revela parte de nossa história presente. É contemporâneo da obra de construção em que estamos envolvidos. Encarna-se, assume corajosamente a precariedade de “fazer-se” como nós e conosco, nasce, opta por valores em conflito com os poderosos que o condenam à morte, “desce” à sepultura e levanta-se qual luminosa aurora do “primeiro dia da semana” de um novo tempo. Decide não ser completo sem nós. “Ó abismo insondável da sabedoria e da graça!”

O vendaval do ESPÍRITO empurra a história, contra-corrente, na direção da Fonte para a consumação. O mistério manifesta-se ainda mais denso e indizível: a Igreja “mistério da piedade” e santidade, “sub specie peccati” (sob as aparências do pecado); a comunhão dos santos em meio à quase infinita desunião e hostilidade humana; a ressurreição dos mortos, quando a força da morte parece prevalecer; o juízo quando o projeto dos maus pretende vencer; a vida eterna quando a experiência imediata está a dizer que tudo é efêmero e se desfaz... Prosseguimos com ousadia, contra-corrente, a anunciar o futuro, pois é “pelos profetas” que fala o Espírito.

A estrutura do Credo é trinitária. Confessamos um Deus que se revela na “história” da Trindade: Fonte da vida do mundo; participa de nossa condição “carnal” e se faz amorosa companhia; faz-se profecia e dirige misteriosamente toda a criação, “projeto” na tensa expectativa de consumir-se. Confessamos nossa convicção mais profunda: o *Princípio* último do universo não é a solidão de UM, mas a comunhão de relações, eterna diversidade em eterna unidade. Porque princípio, é *modelo* no qual toda a realidade é chamada a espelhar-se. É a comunhão, não a solidão, o dinamismo inscrito na origem e por isso no íntimo das coisas. Individualismo é pecado e ideologia, falsidade. Comunidade, coletividade é “revelação” da Realidade.

Finalmente, a estrutura do Credo é semelhante à dos Mandamentos. Fala-se de Deus para falar de nós. Nos Mandamentos, não nos são prescritas obras para satisfazer dois amores alternativos. Antes, Deus é o fundamento invisível que só aparece em nossas relações. No Credo, fala-se de nós e do que somos chamados a ser. Se Deus é o Princípio da criação, estamos envolvidos com todas as coisas, a atitude fundamental tem de ser a compaixão, o *amoroso cuidado* por todos os seres criados, e a afirmação da

dignidade humana. Se Deus se encarna, se envolve com a história humana, não há fé cristã sem compromisso com a sociedade, em todas as dimensões da convivência: economia, relações sociais, política, cultura, religião, mediante a *solidariedade* e a *luta pela justiça* (ver as “05 Marcas” da Comunhão Anglicana). Se Deus é Espírito que impele a criação a consumir-se em sua Fonte, nossos projetos de futuro se revestem de máxima seriedade, estamos em “envolvimento” (“desenvolvimento” se tornou um termo tão sombrio e opressivo, em proveito só de alguns...) com o misterioso parto da nova figura da criação (cf. Rm 8).

Nunca devemos esquecer que toda a doutrina sobre Deus e Cristo foi formulada “por causa de nossa salvação”. Eis o foco do conflito nos antigos concílios: se fomos ou não elevados à condição divina de filiação, à semelhança de Jesus. “O que não foi assumido não foi elevado”. Se Jesus não é Deus que assumiu a “carne” humana, em nada mudou nossa condição de simples criaturas e pecadoras. Se é Deus, e se somos habitação do Espírito, então “somos cidadãos e cidadãs celestiais”, filhos e filhas, de posse da herança. Gálatas é nossa “carta de cidadania”. Dizemos “creio” para dizer que *o mundo de Deus é nosso*. Este é o “dogma” central da fé cristã. Quão explosiva, “subversiva” é a mensagem! Quão imensa a responsabilidade de lutar para que seja realmente possível “a nova terra”, “como no céu”, que Deus sonha para nós e conosco!

Introdução

O presente livro, “Nossa Fé – Estudos nos Credos Apostólico e Niceno” faz parte de um novo projeto do CEA iniciado em 2007: a publicação de material didático, em linguagem acessível e que possa ser utilizado por comunidades e dioceses na formação do ministério-leigo, nos processos de educação cristã e catequese e também por estudantes, postulantes e candidatos ao ministério ordenado na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

O primeiro livro da série, “Nossa Missão”, foi entregue à Igreja no primeiro semestre de 2008. Agora entregamos o segundo material, que nos incentiva a refletir teologicamente sobre as cláusulas e frases dos Credos Apostólico e Niceno em seu contexto histórico e em suas possibilidades hermenêuticas. Lembramos que os Credos Apostólico e Niceno são um dos pilares do Quadrilátero de Lambeth que servem de balizas para nossa identidade enquanto anglicanos. Em 2009 pretendemos entregar à Igreja mais dois livros da série - “Nossa liturgia” e “Nossa identidade”.

Boa parte do conteúdo do presente material foi utilizado pelos autores em dois eventos de assessoria diocesanas promovidos pelo CEA em 2008. O primeiro foi realizado no Centro de Estudos Teológicos de Santa Maria (CETESMA) da Diocese Sul-Occidental, e o segundo no Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET), com estudantes e postulantes da Diocese de São Paulo. Esses eventos, além de nos ajudar a compreender um pouco mais a diversidade de nossa Igreja, enriqueceram o conteúdo do texto e nos permitiram verificar as ênfases e acentos que mais interesse despertaram nos participantes em relação aos tópicos dos Credos.

Contudo, temos consciência da limitação do presente material que pretende ser apenas uma introdução e não propriamente um estudo aprofundado dos Credos. Os leitores que desejarem aprofundamento podem buscar recursos com seu pároco, a Comissão de Ministérios ou com o coordenador de estudos teológicos da Diocese.

A fim de manter certa uniformidade no projeto editorial, sugerimos a utilização da mesma metodologia adotada no livro anterior, ou seja, a organização de grupos de estudo nas comunidades, com pessoas de diferentes faixas etárias. Lembramos que, a critério do bispo-diocesano, o presente estudo pode ser utilizado como parte do curso de formação de ministros-leigos. Nesse caso, nossa orientação é para que a pessoa responsável pelos estudos (clérigo/a ou outra pessoa indicada pelo bispo) crie um caderno de presenças para atestar a regularidade dos/as participantes. O participante assíduo que desejar receber um certificado de conclusão desse curso emitido pelo CEA deverá escrever um resumo de cada bloco, destacando o que lhe pareceu essencial e respondendo às questões propostas em cada estudo. Ao final, esse material deve ser encaminhado ao CEA para que o certificado seja emitido.

A seguinte metodologia, que pode ser adaptada, de acordo com as circunstâncias locais:

a) Selecione um grupo de pessoas interessadas em se aprofundar no estudo dos Credos; combine um encontro semanal ou quinzenal, de cerca de 1 hora e meia; entregue o livro às pessoas recomendando-lhes que leiam antecipadamente o próximo estudo; naturalmente, cada comunidade poderá estipular seu próprio calendário, de acordo com sua agenda;

c) Acolha as pessoas com um ou dois cânticos; faça uma oração inicial de ação de graças, pedindo a iluminação de Deus para os estudos;

d) Incentive os participantes a ler o texto antecipadamente. Se isso não for possível, reserve um tempo para ler o capítulo em grupo ou providencie um resumo;

e) Se o grupo for grande, divida as pessoas para que, em grupos menores (3 a 4 participantes) apresentem comentários ao texto, fazendo destaques ou sugestões; depois reúna todos e sintetize o que foi estudado,

sempre motivando o grupo a assumir compromissos pessoais e a propor ações comunitárias coletivas;

f) É importante que o monitor que vá liderar os estudos dê espaço e oportunidade para todas as pessoas se manifestarem. Se surgirem tensões referentes à interpretação de alguma cláusula, trate a todos com carinho e respeito e lembre que a Comunhão Anglicana sempre priorizou a unidade na diversidade;

h) Faça mais um momento de oração, não esquecendo de deixar espaço para pedidos especiais por enfermos, desempregados, situações da comunidade e do mundo, etc.

i) Finalize com um cântico motivador.

Que o Espírito de Deus ilumine nossas mentes e corações em nossa busca de nos aprofundarmos nos mistérios da fé cristã.

Rev. Carlos Eduardo Calvani
Coordenador do CEA (Centro de Estudos Anglicanos)

Dom Luiz Osório Pires Prado
Reitor do SETEK (Seminário Teológico Egmont Machado Krischke)

NOSSA FÉ

Estudos nos Cremos Apostólico e Niceno

Introdução

1. **A fé que nos foi transmitida** Rev. Carlos Eduardo Calvani
2. **Contexto histórico da formulação dos Cremos** Rev. Carlos Eduardo Calvani
3. **Cremos em Deus Pai Onipotente** Rev. Carlos Eduardo Calvani
4. **Criador do céu e da terra** Dom Luiz Osório Pires Prado
5. **E de todas as coisas visíveis e invisíveis** Dom Luiz Osório Pires Prado
6. **Cremos em Jesus Cristo – sua divindade** Rev. Carlos Eduardo Calvani
7. **Cremos em Jesus Cristo – sua humanidade** Rev. Carlos Eduardo Calvani
8. **Cremos em Jesus Cristo – sua morte** Rev. Carlos Eduardo Calvani
9. **Cremos em Jesus Cristo – sua vitória** Rev. Carlos Eduardo Calvani
10. **Cremos no Espírito Santo Senhor, Doador da Vida** Rev. Carlos Eduardo Calvani
11. **O Espírito Santo, a adoração e o critério profético** Rev. Carlos Eduardo Calvani
12. **A Igreja e a comunhão dos santos** Rev. Carlos Eduardo Calvani
13. **A Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica** Rev. Carlos Eduardo Calvani
14. **O Batismo e a remissão dos pecados** Rev. Carlos Eduardo Calvani
15. **A ressurreição** Dom Luiz Osório Pires Prado
16. **A vida eterna** Dom Luiz Osório Pires Prado
17. **Amém** Rev. Carlos Eduardo Calvani
18. **Apêndices**
 - Credo Atanasiano
 - Catecismo Anglicano
 - Cremos Contemporâneos

Capítulo 1

A fé que nos foi transmitida

Rev. Carlos Eduardo Calvani

Para meditar:

*Se você confessa com os lábios que Jesus é o Senhor,
e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos,
você será salvo.*

(Romanos 10.9)

*Ó fé que vem dos nossos pais, é grato ouvir a sua voz
Conosco vives mais e mais, louvando a Deus, guiando a nós...*

Hinário Episcopal, n. 268

1. De que modo falamos da nossa fé?

É comum que pessoas de outras igrejas nos perguntem a respeito da “doutrina anglicana”. Qual seria ela? Será que ela existe? Nessas horas, muitos leigos não sabem exatamente o que responder.

O fato é que não existe nenhum livro que defina claramente a “doutrina anglicana”. Essa afirmação é feita por importantes teólogos tais como Stephen Neill: “no sentido estrito da palavra, não há nenhuma doutrina teológica especificamente anglicana. Porém, existe uma atmosfera anglicana e uma atitude anglicana”.¹ Tal opinião é corroborada pelo bispo Sumio Takatsu, quando afirma: “De modo geral, não há no anglicanismo um corpo de doutrinas nitidamente delineado como sendo anglicano nos seus documentos confessionais ou num reformador como Lutero ou Calvino”.²

Este livro não pretende, portanto, ser um estudo sobre “doutrina anglicana”, mas sobre o modo como, particularmente, à luz da nossa experiência eclesial, nos apropriamos e confessamos a fé cristã.

No século XVI a Igreja da Inglaterra sentiu a necessidade de, naquele momento histórico, definir alguns limites teológicos através dos *39 Artigos de Religião*. Porém, nem todas as províncias da Comunhão Anglicana atualmente os adotam como definições claras da fé. Nesse caso, nossa Igreja difere de outras tradições cristãs que definem seus limites a partir de marcos firmados na

1 NEILL, Stephen. *El Anglicanismo*. (Madrid: Iglesia Española Reformada Episcopal, 1986, p. 393)

2 TAKATSU, Sumio. “Um jeito anglicano e ecumênico de fazer teologia” *Inclusividade 11*. (Porto Alegre: Centro de Estudos Anglicanos, 2005, p. 138).

época da Reforma. Isso significa que nós, anglicanos, não nos preocupamos em seguir rigidamente os ensinamentos de algum teólogo específico. Preferimos vincular nossa fé aos Credos antigos da Igreja.

No final do século XIX (1886) a Igreja Episcopal dos Estados Unidos apresentou a proposta de um quadrilátero que especificaria pontos que o anglicanismo considera essenciais no diálogo com outras igrejas-irmãs. A Conferência de Lambeth (1888) adotou esses quatro princípios que são hoje conhecidos como o “Quadrilátero Chicago-Lambeth” ou, simplesmente, o “Quadrilátero de Lambeth” o qual estabelece:

(1) As escrituras do Antigo e Novo Testamentos como “*contendo* todas as coisas necessárias para a salvação”;

(2) O Credo dos Apóstolos como símbolo batismal e o Credo Niceno como declaração suficiente da fé cristã;

(3) Os dois sacramentos ordenados por Cristo (Batismo e Ceia) ministrados com as palavras bíblicas e por um sacerdote legitimamente ordenado;

(4). O episcopado histórico, localmente adotado nos métodos de sua administração.

Desse modo, mesmo o Quadrilátero de Lambeth não define a doutrina anglicana, apenas aponta para os Credos Apostólico e Niceno-Constantinopolitano como expressões suficientes de fé. No Quadrilátero os credos representam um dos pilares, juntamente com a Bíblia, os sacramentos e o episcopado.

Esse minimalismo na definição dos conteúdos da fé faz com que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil não seja uma igreja confessional ou doutrinal. É uma igreja “credal”, pois exige que seus membros vinculem a fé apenas aos credos históricos da igreja antiga. Por isso a IEAB, acompanhando outras Províncias da Comunhão Anglicana prefere compreender os *39 Artigos de Religião* como um documento que nos auxilia a compreender o modo como o anglicanismo se definiu em um determinado momento da história. Na época, era extremamente forte a influência calvinista na Inglaterra. Os *39 Artigos* definem muitas coisas que hoje consideramos adiaforas (“não-essenciais”) e restringe o diálogo com outros grupos cristãos. Com a postura credal, a IEAB acaba permitindo maior pluralismo e diversidade hermenêutica. Numa igreja assim, a capacidade de convivência com a alteridade (opiniões divergentes) é fundamental para a sobrevivência institucional.

Na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil a instância que define as crenças oficiais é o Sínodo Geral que reúne trienalmente bispos, representantes clericais e leigos das dioceses e distrito missionário. De acordo com a Constituição da IEAB, somente o Sínodo pode aprovar, emendar ou reformar os documentos oficiais da igreja que normatizam o culto, a disciplina e a doutrina da IEAB.

A Constituição de nossa Igreja também menciona o “Resumo da Fé Cristã comumente chamado Catecismo” (aprovado pelo Sínodo em 1986). O Catecismo é usado para transmitir aos neófitos alguns conteúdos que a Igreja julga essenciais para a fé. O Catecismo, além de mencionar os Credos Apostólico e Niceno cita também o Credo Atanasiano, embora pouquíssimos leigos (e mesmo clérigos) o conheçam. O Credo Atanasiano é um tanto longo e escrito em uma forma bastante diferente dos Credos Apostólico e Niceno. No apêndice deste livro você pode encontrar o texto desse credo.

Desse modo, os Credos Apostólico e Niceno são os elementos que mais se aproximariam do que poderia ser uma resposta às indagações sobre a fé anglicana.

Contudo, os credos não são formulações tipicamente anglicanas. Também não pertencem a qualquer denominação eclesial. Eles foram compostos em uma época em que não havia grandes divisões no cristianismo. Aliás, um de seus propósitos foi exatamente contribuir para evitar divisões e cismas que já se anunciavam.

Neste primeiro bloco vamos tentar compreender como foram formulados os credos que dominicamente utilizamos para confessar nossa fé. Antes, porém, vamos conversar um pouco sobre a própria natureza da fé que motivou a formulação de tão importantes documentos.

- Você conhece o Catecismo Anglicano? Já teve a oportunidade de estudá-lo? Considera importante a sua utilização nos processos de catequese e educação cristã?

- Quais são seus sentimentos em relação aos Credos Apostólico e Niceno no momento em que você os afirma, na liturgia?

2. A fé que une o conteúdo objetivo e o ato pessoal de crer

Geralmente a palavra “fé” pode ser entendida de dois modos:

- a) o ato pessoal de crer (aspecto subjetivo); e
- b) os conteúdos confessados (aspecto objetivo).

Na história da teologia geralmente se encontram várias reflexões sobre essa diferença utilizando termos latinos, tais como “fides qua creditur” (a fé pela qual se crê) e “fides quae creditur” (a fé que é crida, confessada, ou seja, os conteúdos teológicos que são formulados, escritos e afirmados audivelmente).

Essas duas dimensões são muito importantes, embora a primeira tenha relevância sobre a segunda, ou seja, não seria possível redigir os credos ou fazer confissões audíveis ousadas diante de autoridades hostis se não houvesse, anteriormente, aquela certeza interna, aquela convicção profunda, capaz de levar pessoas ao martírio. Essa é a fé pela qual se crê, a certeza interior. Porém, essa fé se expressa em frases e fórmulas escritas que têm um conteúdo objetivo e bem claro. Essa é a fé crida, proclamada e confessada audivelmente.

A importância da união dessas dimensões é enfatizada por Paulo em Romanos 10.9. Ali o apóstolo ensina: “*se com a tua boca confessares que Jesus é o Senhor, e se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo*”. Aqui encontramos os dois aspectos da fé. O aspecto objetivo (“confessar que Jesus é o Senhor”) e o subjetivo, interno (“em teu coração creres”).

No Antigo Testamento encontramos diversas expressões claras de fé. Os judeus utilizavam Deuteronômio 6.4-9 como sinal e distintivo de sua fé. Trata-se do “Shemá”, até hoje lido e recitado nas sinagogas e em festas judaicas. Além disso, outros textos podem ser considerados expressões de fé, tais como Josué 24 (14-18); Deuteronômio 26.5-10.

Leia os textos do Antigo Testamento acima mencionados. É possível identificar neles os dois sentidos da palavra fé?

Seria importante você abrir sua Bíblia também nas escrituras do Novo Testamento e conferir as algumas confissões de fé: João Batista (João 1.29-34); Natanael (João 1.49), os samaritanos (João 4.42), os discípulos (João 6.14,69; Mateus 14.33), Marta (João 11.27), Tomé (João 20.28) e o centurião (Mateus 27.54). O que essas confissões têm em comum?

Se prestarmos bem atenção, perceberemos os dois aspectos acima citados:

a) são expressões que brotam espontaneamente, do coração das pessoas que as pronunciam;

b) todas se referem a um conteúdo específico: o reconhecimento de Jesus como o Filho e ungido (Cristo) de Deus.

Quando estudamos os Credos precisamos ter em mente que não se trata apenas de estudar alguns dogmas, mas de tentar penetrar os mais profundos mistérios da fé cristã, que é centralizada em Jesus enquanto o Cristo, aquele que revela claramente a natureza de Deus-Pai e a obra do Espírito Santo.

- Você se recorda da primeira vez que expressou publicamente sua fé? Quais eram as circunstâncias? Como você se sentiu?

- Você já teve a oportunidade de professar publicamente sua fé cristã em um contexto que não fosse o da liturgia? Como você se sentiu? Que reação isso causou nas pessoas?

3. Os Credos – afirmações do coração

A palavra “Credo” vem do latim. Na verdade, é um verbo “Creio”: “*Credo in Deum*”. Esse verbo está intimamente ligado ao substantivo “cor” (coração). Quando alguém afirmava “Credo in...”, estava comprometendo todo o seu ser, estava afirmando uma convicção que brotava do seu coração, tal como Jó: “*Eu sei que o meu Redentor vive!*” (Jó 19.25).

Desse modo, quando dizemos “a fé cristã expressa nos credos”, não estamos falando de adesão intelectual a dogmas e doutrinas porque fé não é simplesmente conhecimento doutrinário, tal como “acreditar” em informações que nos foram dadas por alguma autoridade no assunto. Isso é apenas assentimento ou concordância intelectual, só por respeitar a autoridade de alguém. Mas, no fundo, tal postura é ingênua e imatura, pois quando questionada, logo se abala e demonstra sua fragilidade.

Fé também não é um sentimento vago e diluído, mera questão de emoções sem relação com um conteúdo objetivo. Fé é um estado de consciência de que dependemos incondicionalmente de Deus e que isso afeta toda nossa vida. A fé se realiza no centro da vida pessoal e atinge todas as dimensões da vida humana. Por isso é, paradoxalmente, o ato mais íntimo e mais global do ser humano. É o que faz com que vislumbremos a possibilidade do impossível, que nos leva a crer no incrível, a vencer o invencível e até a suportar o insuportável.

Por isso não basta estabelecer verdades como a que “Deus existe” ou que “Jesus ressuscitou”. Essas afirmações não estão dentro das mesmas dimensões como quando digo que acredito na veracidade de uma informação que me foi transmitida. No passado, as pessoas já acreditaram que a terra era plana e que era o centro do universo e até mesmo utilizavam as Escrituras como apoio. Mais tarde, comprovou-se o engano de tal crença.

Quando dizemos, pela fé, que cremos em Deus, estamos afirmando de modo profundo, existencialmente, que no universo há um poder superior e misterioso que nos acolhe e nos aceita, no qual há convergência de todos os aspectos e em quem encontramos o descanso do coração e a esperança da vida. Por isso, dizer que cremos em Deus não é como dizer que acreditamos em alguma informação científica, mas nada acontece de diferente em nossa vida. Quando afirmamos, pela fé, que “cremos em Deus...”, tudo tem de mudar.

Do mesmo modo, quando afirmamos na fé que Jesus ressuscitou, essa declaração não está no mesmo nível de uma notícia tal como: “hoje nasceu o filho de fulano”. Ao afirmar a ressurreição de Cristo, somos mergulhados no oceano da esperança humana que sabe que a morte foi vencida e que não há problema insolúvel ou situação negativa absoluta, pois o poder que ressuscitou a Jesus é o poder que vence todas as formas e manifestações de morte, violência e debilidade humana.

Quando afirmamos pela fé que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo não estamos pronunciando uma verdade científica, semelhante a uma fórmula da química ou da física, como quem diz que a água é um composto de duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio (H₂O) e nada se modifica no sentido radical da nossa existência. Quando fazemos afirmações tão ousadas de fé, estamos na verdade dizendo que nos entregamos de coração a essa realidade misteriosa. Esse é o sentido de dizer “creio” ou “cremos”.

De que modo a experiência cristã tem trazido alterações na sua forma de compreender a fé? Alguma coisa mudou em relação ao conteúdo ou à intensidade de sua fé durante a caminhada cristã?

4. A fé que é transmitida de geração em geração

Os Credos, as Escrituras Sagradas e outros textos e documentos aqui citados nos foram transmitidos através de séculos de história por pessoas que viveram de modo ardente e profundo essa fé. Quando entoamos em nossas celebrações o hino “Ó fé que vem dos nossos pais”, vale prestar atenção em algumas frases:

“Quando em cadeias e prisões,
e quando a espada lampejou
A paz desceu aos corações
e as consciências libertou
De nossos pais, sublime fé!
Que nos alente a estar de pé”

De fato, para que o cristianismo chegasse até nós e tivéssemos hoje o privilégio de abrir e ler as Escrituras com liberdade, bem como de anunciar o glorioso evangelho do Senhor, muito sangue foi derramado na história. Há inúmeros relatos sobre pessoas cristãs que morreram ao fio da espada por causa dessa fé, corretamente entendida em seus dois sentidos. Essa é uma preciosa herança, um tesouro confiado à Igreja.

Muita coisa mudou no mundo desde que as narrativas bíblicas foram escritas e desde que os Credos foram redigidos e aprovados. Porém, é tarefa constante da Igreja retransmitir às novas gerações, ensinar e interpretar tais documentos levando em contas as novas situações em que vive. Durante

nosso curso não pretendemos apresentar interpretações definitivas e fechadas sobre os conteúdos da fé cristã exposta nos credos. Temos consciência do caráter provisório de cada interpretação, pois sabemos que no passado, as palavras do Credo e das Escrituras já foram interpretadas de maneiras diferentes, às vezes, na mesma época e isso continuará acontecendo, hoje e também no futuro.

Nossa proposta com este texto não é a de trazer palavras finais. Muito ao contrário. Pretendemos que o texto seja apenas o ponto de partida para muitas conversas na comunidade. Por isso, embora em alguns momentos tenhamos a ousadia de propor interpretações das cláusulas e frases dos credos, tal atitude deve ser vista como um convite ao diálogo e à escuta mútua. Temos plena consciência da diversidade de pensamentos em nossas comunidades anglicanas e pretendemos respeitar essa diversidade. Nosso propósito é fazer com que o estudo sirva de estímulo a refletir de modo mais profundo nos conteúdos que vem sendo transmitidos de geração em geração, e também nos comprometemos a passar adiante, às novas gerações a fé que nos foi legada. “Possamos nós, sagrada fé, lutar por ti, morrer até!” (Hino 268).

- Finalizemos este primeiro estudo refletindo sobre as palavras do salmista:

“o que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos de nossos filhos. Contaremos às vindouras gerações, os louvores do Senhor, o seu poder, e as maravilhas que fez” (Salmo 78.3-4).